



Relações África-Rússia no pós-Guerra Fria: um enfoque geopolítico

Laurindo Tchinhamá ^{*}, Maria Fernanda Montandon Lemos [†], Ana Flávia Pires de Morais [†]

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

*Autor correspondente. E-mail: laurindopr@gmail.com

Resumo

O continente Africano e a ex-União Soviética partilharam de boas relações durante a Guerra-Fria. Porém, após a queda da União Soviética e a nova reestruturação do país, as relações se distanciaram consideravelmente. No governo de Vladimir Putin as relações russo-africanas voltam a se alinhar, com a ascensão da África como um local estratégico para as potências mundiais. O objetivo deste trabalho é apresentar a nova face das relações África-Rússia no pós-Guerra Fria na administração de Vladimir Putin com enfoque geopolítico. Partimos de uma abordagem qualitativa baseada na revisão de literatura especializada, análise de dados e estudos de caso, visando uma análise abrangente e multifacetada das relações África-Rússia, bem como em fontes jornalísticas relativo aos acontecimentos recentes. Este estudo é fundamentado na perspectiva da teoria geopolítica realista, especialmente na análise das dinâmicas de poder e na influência das potências globais em regiões estratégicas. Assim, argumentamos que as relações russo-africanas no pós-Guerra Fria estão pautadas na retomada da influência russa na África, perpassando os aspectos econômicos e geopolíticos, em especial no setor armas, energia e minério e influência internacional.

Palavras-chaves: Rússia, África; Geopolítica, Pós-Guerra Fria

1. Introdução

As relações entre África e Rússia no pós-Guerra Fria emergem como um tema de interesse fundamental no cenário geopolítico contemporâneo, caracterizado pela busca de novas parcerias e alianças estratégicas entre potências regionais e globais. Durante a Guerra Fria, o continente africano e a URSS mantiveram vínculos sólidos fundamentada na narrativa anti-ocidente, porém, com o colapso da União Soviética, essas relações sofreram um distanciamento significativo. Somente no governo de

Vladimir Putin é que observamos um realinhamento das relações russo-africanas, marcando a ascensão da África como um ator estratégico no cenário internacional.

O objetivo deste trabalho é apresentar a nova face das relações África-Rússia no pós-Guerra Fria na administração de Vladimir Putin com enfoque geopolítico. Mediante uma abordagem qualitativa baseada na revisão de literatura especializada e análise de dados aplicando como método de procedimento o estudo de caso aplicado às ciências sociais, como parte integrante de uma pesquisa (Marconi e Lakatos 2003). Ressaltamos que o estudo de caso ou casos ou múltiplos casos, além de possibilitar adoção de diversas fontes de informação desde teórico-conceitual desde documentos, entrevistas, observações entre outros, é dividido em três tipos: exploratório, descritivo e explanatório (ou explicativo) (Maffezzoli e Boehs 2016). “No primeiro caso, deseja-se conhecer com maior profundidade questões pouco conhecidas. Já o segundo está mais preocupado com a descrição da situação, e o terceiro caso se volta a possibilidades de explicação de causas” (Maffezzoli e Boehs 2016, 98). Para este estudo, adotaremos o terceiro procedimento visando uma análise abrangente e multifacetada das relações África-Rússia, bem como em fontes jornalísticas e acontecimentos recentes.

Este estudo é fundamentado na perspectiva da teoria geopolítica realista especialmente na análise das dinâmicas de poder e na influência das potências globais em regiões estratégicas. No entanto, é embasado por uma perspectiva geopolítica proposta pela escola realista russa, com enfoque nas dinâmicas de poder e influência das potências globais em regiões estratégicas. Este estudo visa compreender os motivos e implicações dessas relações para a geopolítica mundial.

A justificativa para esta pesquisa reside na importância de compreendermos o papel da África como um campo de interesse estratégico para potências como a Rússia, e busca responder a seguinte pergunta de pesquisa: por que as relações África-Rússia ganharam novos enfoques no pós-Guerra Fria? Nosso argumento é de que as relações russo-africanas no pós-Guerra Fria estão pautadas na retomada da influência russa na África, perpassando os aspectos econômicos e geopolíticos, em especial no setor armas, energia e minério e influência internacional.

O trabalho está dividido em três partes principais. A primeira apresenta uma breve abordagem geopolítica da Rússia e seus aspectos teórico-conceitual partir de uma revisão da literatura russa. Na sequência, exploramos a evolução histórica das relações russo-africanas, para compreender a proximidade das partes e o seu desdobramento. Por fim, examinamos os interesses e estratégias geopolíticas que sustentam as nova face das relações África-Rússia no pós-Guerra Fria e suas implicações para a geopolítica regional e global. Nas considerações finais retomam-se os principais pontos e aspectos mais relevante do novo contexto e trabalhos futuros.

2. A Geopolítica russa vista em um cenário atual

Quando se aborda a questão da geopolítica, é necessário apresentar uma definição clara do conceito em questão. A origem da geopolítica, sendo um consenso na literatura, remonta ao seu criador, Kjéllen (1917), que, quinze anos após iniciar seus estudos sobre política e geografia, apresentou o conceito em seu livro "O Estado como Forma de Vida", publicado em 1916 (Correia 2012). Para Kjéllen (1917), a essência da

geopolítica reside na análise do Estado como uma entidade geográfica, um fenômeno no espaço, ou seja, o Estado é compreendido como terra, território, área, ou mais precisamente, como uma nação. O termo criado por Rudolf Kjellén foi inspirado por Friedrich Ratzel (1844-1904), reconhecido por estabelecer as bases epistemológicas da Geopolítica, com o seu postulado "espaço é poder!", mencionado pela primeira vez em sua obra "*Politische Geographie*", publicada em 1897 (Castro 1981). Segundo Ratzel, as relações entre espaço e poder são essencialmente sociopolíticas, manifestando-se empiricamente de diversas maneiras e tipos, desde as sociedades comunais primitivas até a forma complexa do Estado territorial soberano.

A relação entre "espaço e poder" é o principal foco da Geopolítica e serve como base para entender as relações de poder em sua dimensão espacial. Portanto, quando a Geopolítica trata de questões como demarcação de fronteiras, formação de novos Estados, conflitos étnicos/territoriais, expansionismo e equilíbrio de forças no cenário mundial, está se referindo à ideia central de Ratzel (Castro 1981). Dessa forma, ele procurava justificar a importância dos fatores geográficos na formulação da política de um Estado e sua projeção espacial como uma potência regional¹ ou mundial².

Sendo assim, essa abordagem pode ser vista na atuação das grandes potências perante a geopolítica atual. Embora não seja o foco do trabalho, vale observar que a ideia de grande potência é característica dos Estados que buscam uma forma de se posicionar diante dos demais atores (Daehnhardt 2014). Logo, uma grande potência é referente ao Estado que tem a capacidade de congregiar fatores materiais e imateriais para garantir a sua autodefesa contra potenciais ameaças sem necessidade de aliança, considerando o seu poder militar, econômico, capacidade industrial, culturais e potencial humano (Daehnhardt 2014; Xavier *set de* 2007).

Outra missão de uma grande potência é de manter a ordem e estabilidade internacional, uma espécie de responsável pela ordem mundial, porém tal status deve ser reconhecido pelos demais Estados, ou seja, uma forma de garantir a sua legitimidade (Daehnhardt 2014). Ao analisar o fim da primeira guerra mundial, o autor aponta os Estados Unidos e a Rússia soviética como as potências em ascensão cuja legitimidade foram consolidadas devido os seus projetos ideológicos que influenciaram muitos países. No entanto, afere-se que uma grande potência, além de possuir poderes materiais e imateriais, deve ter capacidade de projeção de poder além-fronteiras como elemento geopolítico e buscar equilíbrio de poder no sistema internacional.

Outra perspectiva sobre a geopolítica é oferecida pelo sociólogo brasileiro Castro et al. (1951), cujo livro provocador "A Geopolítica da Fome"(1951) destaca que a geopolítica não é simplesmente uma estratégia de ação política na competição entre os Estados, mas sim um método para interpretar a dinâmica dos fenômenos políticos em sua realidade espacial (Correia 2012). Ao considerar os fundamentos teóricos que levam às origens do pensamento geopolítico e geoestratégico, centrados nas ideias

1. Segundo Nolte (2010), nas teorias de Hierarquia, a potência ou poder regional são aqueles Estados que exercem poder ou influência nas suas respectivas regiões. Essa classificação depende da capacidade de influenciar a política na região, da aceitação dos demais Estados além de recursos materiais e políticos para projeção de poder regional.

2. Por potência mundial entende-se por Estados com capacidade de projetar o seu poder além da região. Vale observar que não é nosso objetivo fazer uma discussão exaustiva sobre potência mundial ou grande potência, para mais aprofundamento indicamos.

de poder Marítimo e poder Terrestre, as teorias geopolíticas progrediram desde o século XIX, e buscam orientar os Estados na construção de sua força e na busca pela supremacia global (Teixeira 2008).

É nessa busca pela supremacia global que se busca compreender a geopolítica russa contemporânea, porém é imprescindível considerar o legado soviético e seu impacto na atualidade. A bagagem histórica influenciou significativamente a geopolítica atual, dada a importância única que a Rússia sempre teve no cenário global, e seu reconhecido domínio de influência foi severamente afetado, tanto geograficamente quanto politicamente, em decorrência da ruptura da União Soviética. Na Europa e nos Estados Unidos, a percepção predominante da Rússia é a de uma potência em declínio, incapaz de se adaptar à "nova ordem mundial", e frequentemente associada a ex-União Soviética, com a retórica de que, sob a liderança de Putin, a Rússia adota uma postura "imperial" no espaço pós-soviético, o que alimenta uma "nova guerra fria" com o Ocidente (Tomé 2018).

Por outro lado, a visão de Vladimir Putin é consideravelmente diferente: ele vê a implosão da URSS como um "desastre geopolítico", pois a Rússia perdeu o que considera seu território e provocou um desequilíbrio de poder mundial, do qual os Estados Unidos se beneficiaram para promover a unipolaridade e a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) (Tomé 2018). Ainda segundo Tomé (2018), Putin vê a Rússia como uma grande potência ressurgente, determinada a recuperar sua posição em uma estrutura de poder multipolar.

Diante desse, é importante trazer um dos pilares do pensamento geopolítico russo do pós-Guerra Fria: a escola realista russa. Observa-se uma forte influência do pensamento russo pré-soviético nessa abordagem, uma vez que grande parte de suas preocupações estão ligadas à valorização do poder como meio de controle e dominação em conflitos, em vez de priorizar a cooperação no cenário internacional (Blum e Jacichen 2015).

Durante os anos 1990, os principais teóricos desse pensamento argumentavam que o Estado russo não possuía recursos econômicos e militares suficientes para exercer influência geopolítica em regiões distantes. Portanto, enfatizavam a necessidade de a Rússia concentrar-se no equilíbrio de poder como estratégia. Adicionalmente, esses intelectuais costumam ver o fenômeno da globalização como uma espécie de "americanização" global, enxergando-a, juntamente com a governança global, como uma expressão da rivalidade geopolítica perene entre a Rússia e o Ocidente (Blum e Jacichen 2015). Dessa forma, a escola realista russa valorizava o poder como um meio de controle e equilíbrio, em vez de priorizar a cooperação internacional. Por isso, defendiam que a Rússia deveria continuar a fortalecer suas capacidades militares para equilibrar a balança de poder internacional com os Estados Unidos (Souza 2016). Apesar de ser vista como uma teoria "antiga" diante do surgimento de diversas outras abordagens, a teoria realista da escola russa permanece relevante ao analisarmos o governo de Vladimir Putin, visto que ele almeja posicionar a Rússia como uma potência internacional como de fato ela é, buscando constantemente expandir sua influência em áreas onde os Estados Unidos ainda têm domínio. Além disso, não apenas os Estados Unidos são vistos como rivais para a Rússia, mas também a ascensão da China, que está ampliando sua influência em áreas estratégicas.

Outro fator importante adotado pela Federação Russa está na relação da geopolítica e geoeconomia. Nas duas primeiras décadas após o colapso da União Soviética, houve uma significativa cooperação entre a Rússia pós-soviética, seus vizinhos ex-soviéticos e países ocidentais, especialmente na promoção da interdependência econômica. No entanto, ao longo dos anos, a geoeconomia começou a desempenhar um papel cada vez mais importante na geopolítica e na política externa da Federação Russa. Isso se manifestou na aplicação do conhecido ditado de Edward N. Luttwak – a "lógica do conflito, gramática do comércio" – seja por métodos tradicionais de incentivo e coerção, ou provocando tensões e divisões que, de certa forma, poderiam beneficiar Moscou (Tomé 2018). Dessa forma, O governo de Putin na Rússia tem aproveitado as tensões entre certos governos e os Estados Unidos e/ou o Ocidente como uma oportunidade para impulsionar seus interesses econômicos e geopolíticos. Assim sendo, é nesse contexto que o continente africano ressurgiu como uma zona de interesse fundamental para a Rússia no contexto pós-Guerra Fria, conforme analisado a seguir.

3. As Relações entre África - União Soviética

As relações russo-africanas acontecem antes mesmo do nascimento da Federação Russa, quando a nação ainda era a União Soviética. Após o desfecho da Segunda Guerra Mundial, o mundo se viu imerso em um período de transição rumo a uma nova ordem global, marcada pela emergência da Guerra Fria. Nesse cenário, os Estados Unidos e a União Soviética emergiram como as principais potências, cada uma buscando afirmar sua ideologia e expandir sua influência pelo globo. Este embate ideológico e político moldaram as relações internacionais nas décadas seguintes, deixando uma marca indelével na história do século XX.

Nesse contexto, o continente africano foi um cenário chave de disputa. Como se observa na história, a década de 1960-70 é marcada principalmente pelas lutas de independência desses países africanos, e com isso, as grandes potências veem o Terceiro Mundo³ como oportunidade de constituírem novos mercados para seus produtos e de estratégia de ampliar sua expansão de influência na geopolítica internacional.

A princípio, quando se analisa a relação da URSS com o continente africano, percebe-se que a relação já vinha sendo construída antes do período bipolar. Como evidência Mendonça (2019), os movimentos socialistas e comunistas internacionais e a URSS contribuíram na luta pela libertação das nações africanas.

Assim sendo, da vitória da Revolução Russa, os bolcheviques demonstravam uma profunda preocupação com a questão colonial e reconheciam a necessidade de apoiar os movimentos de libertação das colônias como parte integrante de uma luta mais abrangente contra o imperialismo (Mendonça 2019). Este comprometimento foi particularmente evidente na obra de Lenin, "*O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*", na qual ele detalhou minuciosamente a exploração dos países colonizados pelas potências imperialistas⁴.

3. Surgido na revolução francesa, o conceito de terceiro mundo refere-se aos países com poucos privilégios na sua maioria países que foram colonizados. O termo também é associado a ideia de países do sul global (Visentini 2015).

4. Potências imperialistas entende-se por países que buscavam expandir e explorar os países considerados periférico no sistema internacional, ou seja, são países que buscam manter o monopólio do capitalismo. Em

Esses fundamentos do leninismo foram adotados por Stalin, como destacado pelo próprio líder. Além disso, ele identificou algo crucial para a análise: a necessidade dos países socialistas em fomentar e apoiar os movimentos de libertação nacional (Stalin 1954). Desse modo, a luta anti-imperialista acaba sendo um dos principais pilares da aproximação da África com a URSS. Nesse sentido, após a vitória da Revolução Russa (1917), a URSS procurou apoiar os processos de independência de todos os países colonizados, desenvolvendo uma política de ajuda direta ou indireta (Mendonça 2019). Segundo o autor, isso se demonstrou, por exemplo, como a Komintern (1919–1943), organização política fundada por Lenin, procurou estabelecer relações com as primeiras organizações de caráter nacionalista surgidas no continente africano, tais como o Congresso Nacional da África Ocidental Britânica, a Associação Central Kikuyo ou o Congresso Nacional Africano (CNA).

Ademais, vale ressaltar que durante esse período a URSS buscou colaborar com partidos comunistas nos países colonizadores, com o intuito de promover os ideais socialistas e expandir sua influência. O Partido Comunista Francês (PCF) teve papel importante nessa difusão, levando ao aumento da participação de africanos no movimento comunista internacional (Mendonça 2019). Outrossim, o Partido Comunista Britânico (BCP) teve influência na formação de africanos que estudaram na Inglaterra, tais como Jomo Kenyatta, do Quênia, e Kwame Nkrumah, da Costa do Ouro, que, no futuro, teriam papel de destaque nos movimentos de independência de seus países (Mendonça 2019). Já na África lusa, o Partido Comunista Português (PCP) formou vários intelectuais marxistas africanos, entre os quais se destacam Agostinho Neto, fundador do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), e Amílcar Cabral, que liderou a organização do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) (Thiam e Mulira 2011).

Entre 1945 e 1965, ficou evidente um significativo progresso no movimento nacionalista africano e na luta anticolonialista, sinalizando um período de avanço notável para a autodeterminação e a independência dos povos africanos. A URSS, além de contribuir para o sucesso desses movimentos, também estimulou estudos sobre a História da África (Mendonça 2019). O autor acrescenta que o Instituto Etnográfico de Leningrado, atual São Petersburgo, passou a desenvolver um programa sistemático de pesquisa, publicando toda a documentação conhecida sobre a África subsaariana a partir do século XXI (Mendonça 2019).

Após a ascensão de Khrushchev no poder na década de 1950, ele introduziu uma série de reformas políticas e econômicas, marcando uma ruptura significativa com a política stalinista anterior. No âmbito externo, ele foi entusiasta dos novos governos anticoloniais de Touré (Guiné - 1958) e Nkrumah (Gana - 1957). Constituiu a ideia do “Modelo Socialista de Desenvolvimento” para se aproximar destes governos, tendo êxito no primeiro, mas pouca efetividade com o segundo (Secchi 2022). Com a independência da República Democrática do Congo (RDC), e a República do Congo, na década de 1960, buscou se inserir como aliado estratégico de Patrice Lumumba, Primeiro-Ministro e Chefe do governo da RDC. A falta de condições operacionais

outras palavras são países que concentram a produção e o capital, capital bancário, industrial e financeiro, exportação do capital, formação de associação de monopólios capitalistas e a partilha territorial do mundo (Lenine 1984).

e de capacidade de auxiliar, no entanto, levou a um comprometimento político sem sustentação material (Secchi 2022).

Já no governo de Brejnev (1977-1982), sucessor de Krushov, foi adotada uma abordagem internacional menos voluntarista. As experiências do voluntarismo do líder anterior influenciaram uma política externa que ficou conhecida como “Détente”. Para o tópico deste trabalho, a Détente significou uma política de subordinação das ações no continente africano à estrutura de conflito Leste-Oeste, buscando não provocar rupturas que levassem a grandes movimentações por parte do (Secchi 2022). Centralmente, buscou evitar⁵ outro fracasso como o ocorrido na RDC.

Assim sendo, independentemente do governo da URSS, uma certeza prevalecia: os condicionantes estruturais de sua atuação destacam a ausência de uma grande estratégia para o continente africano. O receio soviético em adentrar em um conflito de maior envergadura, e a sua assimetria de poder com o Ocidente levaram à parcimônia no seu envolvimento em questões na África (Secchi 2022). Em muitos casos, em especial no setor de investimentos externos no continente, muitas vezes foram realizadas *joint-ventures* com potências capitalistas para minimizar riscos de confrontação (Secchi 2022). Tal pode se evidenciar nos investimentos no setor de gás e petróleo na Líbia, Nigéria, Gana e Guiné (Smith 1985).

O apoio político e diplomático foi essencial para o acesso soviético a diversos países africanos (Halliday 1999). Outrossim, o setor de armamentos foi crucial também. A exportação de armamentos, o treinamento e reorganização das forças de segurança dos países e a manutenção dos equipamentos foram peças importantes da política soviética no continente africano, abrindo possibilidades de diálogo e cooperação (Secchi 2022). No entanto, até o início dos anos 1980, foram também importante parte dos bens e serviços exportados pelo país (Segrillo 2000).

Essa estratégia não foi em vão, pois duas questões importantes moldaram grande parte da esfera econômica da inserção soviética na África. Primeiramente, havia uma crescente dependência, especialmente a partir dos anos 1970, de bens intermediários e de capital das economias capitalistas ocidentais (Secchi 2022). Conforme o autor, essa dependência se agrava devido à volatilidade do fluxo de comércio entre o bloco socialista e o Ocidente, o que dificultava para a URSS adquirir moedas conversíveis, especialmente dólares, para comprar esses produtos do Ocidente. Diante disso, a URSS passou a utilizar um comércio triangular com a África no qual fornecia bens militares, serviços de inteligência e engenharia em troca de moeda conversível, especialmente dólares e francos, ou por meio de comércio compensado, no qual recebia bens primários, especialmente metais raros e alimentos (Smith 1985).

Desse modo, essas relações tornaram-se mais concretas a partir da inserção mais profunda do país no continente. Iniciando pela África Austral, a URSS teve papel importante na denúncia dos regimes racistas de minoria branca do Apartheid na África do Sul e na Rodésia do Sul, atual Zimbabué (Secchi 2022). Na África do Sul, a

5. A dinâmica central na região centro-africana durante a Guerra Fria foi fortemente influenciada pela questão congolosa, que permaneceu em guerra civil desde os anos 60 até os dias atuais. A instabilidade resultante condicionou tanto a atuação soviética quanto ocidental na região. O assassinato de Lumumba foi um ponto crucial que levou ao retraimento da presença soviética na área. Embora tenha havido uma tentativa de apoio à Revolução dos Simbas, a rápida repressão desse grupo levou a uma diminuição direta do envolvimento soviético na ex-colônia belga.

URSS auxiliou o Congresso Nacional Africano (CNA) com dinheiro, equipamentos e treinamento. No entanto, os recursos despendidos foram muito aquém das necessidades do CNA para tornar-se força de enfrentamento direto aos regimes (Griffith 1976). E vale ressaltar que foi nas independências das colônias portuguesas e no Zimbábue que a URSS terá maior capacidade de auxílio na luta anticolonial e contra o apartheid.

Como exposto nessa seção, percebe-se que a vasta influência da União Soviética no continente africano ocorreu antes e durante o período da Guerra-Fria, tornando-se essencial em apoio para os movimentos anticolonialistas e a inserção africana no contexto internacional. Ademais, ficou evidente que as relações eram multidimensionais, abrangendo setores político-diplomáticos e estratégico-tático. A seguir, buscamos focar em três pilares que vão marcar a nova face dessa relação no período pós-Guerra Fria, em especial no governo de Putin.

4. Os Três pilares da relação Russo-africanas no pós- Guerra-Fria: Armas, Energia e Minério e influência internacional

Com o término da Guerra Fria e o colapso da União Soviética, a relação especial sustentada pela ideologia entre a Rússia e diversos Estados africanos terminou. Com a instauração da democracia na Rússia, houve uma transição da economia planificada centralmente para uma economia de mercado, resultando na diminuição significativa da influência global russa. Durante o governo anticomunista de Boris Yeltsin (1991-2000), as relações entre a Rússia e os países africanos diminuíram consideravelmente (Olivier e Suchkov 2015). Os autores pontuam que, a política externa russa em relação à África gradualmente se enfraqueceu, e a ausência da ideologia comunista fez com que a Rússia perdesse interesse e capacidade para competir com outros atores importantes na região africana.

Após um período de distanciamento, o envolvimento russo na África experimentou um ressurgimento significativo em 2014. Essa reaproximação russa com a África foi impulsionada pela visão estratégica da Rússia de utilizar a África como uma plataforma para reafirmar sua relevância internacional, especialmente após a anexação da Crimeia, o que alterou as dinâmicas das relações ocidentais com o continente africano. Neste contexto, a nova fase das relações entre Rússia e África é caracterizada por uma abordagem oportunista e estratégica, onde a Rússia busca o apoio dos países africanos para superar o isolamento diplomático e econômico imposto pelo ocidente, ao mesmo tempo, em que promove suas ambições geoestratégicas (Carpile e Pichon 2024). Além disso, a estratégia adotada pela Rússia combinava interesses econômicos e políticos, incluindo venda de armas, apoio a regimes autoritários e cooperação em segurança em troca de recursos minerais (Kohnert 2022).

Neste cenário, a África estava experimentando uma projeção internacional notável, impulsionada pelos chamados "Leões" do continente, representados por países cujo crescimento econômico se equipara ou supera o das principais economias emergentes. Entre esses países africanos estão Argélia, Botsuana, Egito, Líbia, Ilhas Maurício, África do Sul e Tunísia (BBC 2010). Esse êxito econômico não só conferiu ao continente uma maior visibilidade internacional, mas também sugeriu uma perspectiva de maior estabilidade política. Este contexto africano atraiu a atenção de atores globais como

China e Índia, influenciando igualmente as decisões da Rússia de fortalecer seus laços com países africanos, percebendo as vantagens que essa aproximação poderia trazer (Olivier e Suchkov 2015). Em 2013, o Ministério das Relações Exteriores da Rússia anunciou sua intenção de intensificar as relações com os Estados Africanos em bases bilaterais e multilaterais, com ênfase no aprimoramento do diálogo político e na promoção de uma cooperação comercial que também contribuísse para a resolução e prevenção de conflitos e crises na região africana (Olivier e Suchkov 2015).

Porém, é posta uma problemática: a duradoura presença europeia na África e as décadas de relações entre os Estados Unidos e a China limitam o espaço de manobra da política externa russa (Cabrera 2022). Conforme o autor, a robustez econômica da Rússia não lhe confere uma influência comparável à que a administração da Casa Branca pode exercer. Além disso, a Rússia busca não interferir nos assuntos políticos internos de certos países africanos, como fez a União Soviética, ou pelo menos pretende fazê-lo em menor medida quando julgar necessário. Nessa toada, a Rússia, assim como a China, reconhece que suas relações com os países africanos têm uma base pragmática e não são guiadas por ideais abstratos, embora sejam frequentemente mencionados em questões como a luta contra o terrorismo, que é considerada inseparável do atual conceito de cooperação internacional como notamos a seguir.

4.1 *Armas*

Diante desse contexto, as relações russo-africanas possuem um destaque importante: a venda de armas por parte da Rússia. Além dos históricos do setor abordados anteriormente, desde 2015, a Rússia firmou acordos de cooperação militar com 43 nações africanas (até novembro de 2023). Esses acordos variavam em termos de profundidade de envolvimento, desde parcerias amplas e formais até colaborações mais específicas e substanciais, abrangendo áreas como treinamento militar, fornecimento de armamentos, apoio na luta contra o terrorismo e acesso a portos e bases aéreas militares ou civis (Carpile e Pichon 2024). A Tabela 1 apresenta acordos de cooperação militar russo estabelecidos com 20 dos 43 países africanos mencionados, demonstrando a importância estratégica do continente africano na política externa do governo Putin.

Outro fator a ser apresentado, é que, mesmo em países onde ocorreram golpes de Estado⁶, a Rússia manteve e intensificou sua cooperação militar. Dessa forma, por meio desses acordos de cooperação militar e pactos específicos, a Rússia emergiu como um significativo fornecedor de armamentos para o continente africano. As importações provenientes da Rússia representaram 40% das importações africanas de grandes sistemas de armas durante o período de 2018 a 2022, ultrapassando aquelas dos Estados Unidos, Europa e China (Carpile e Pichon 2024). Os gráficos a seguir representam as exportações para o Norte da África e a África Subsaariana, conforme os dados da European Parliamentary Research Service. Vale observar que o período 2013–2022 marca o fim da primavera árabe, iniciado em 2010 no Norte da África e Oriente Médio marcado por manifestações populares contra os regimes autoritários, e uma série de golpes de Estados na África subsaariana.

Ao examinar a Figura 1, observa-se que, de 2015 a 2021, a Rússia liderou as

6. Mali (2021), Gabão (2023), Chade (2021), Níger (2023).

Tabela 1. Acordos de Cooperação Militar na África desde 2015

País	Data	Observação
Botsuana	Agosto de 2018	Manutenção da paz e treinamento militar.
Burkina Faso	Agosto de 2018	Cooperação na luta contra o terrorismo. O Acordo ainda não está em vigor.
Burundi	Agosto de 2018	Cooperação na luta contra o terrorismo e formação conjunta de tropas.
Camarões	Abril de 2015	Cooperação militar e técnica.
República Centro-Africana	Agosto de 2018	Treinamento das forças armadas.
Chade	Agosto de 2017	Cooperação antiterrorismo e exercícios conjuntos de formação.
Egito	Novembro de 2017	Entregas de equipamentos e armas para operações antiterroristas.
Essuatíni (ex-Suazilândia)	Fevereiro de 2017	Fornecimento de armas, manutenção e outra assistência militar. Treinamento e cooperação em esforços de
Etiópia	Abril de 2018	manutenção da paz, combate ao terrorismo e combate à pirataria. O Acordo ainda não está em vigor.
Gâmbia	Setembro de 2016	Treinamento de forças armadas, entregas de equipamento militar.
Gana	Junho de 2016	Cooperação militar e técnica. Acordo ainda não em vigor.
Guínea	Abril de 2016	Cooperação em matéria de manutenção da paz, luta contra o terrorismo, busca e salvamento no mar. O Acordo ainda não está em vigor.
Moçambique	Janeiro de 2017	Entregas de equipamentos militares, peças de reposição e componentes.
Níger	Agosto de 2017	Reuniões de trabalho de especialistas militares e cooperação em educação militar.
Nigéria	Agosto de 2017	Cooperação em matéria de treino militar, manutenção da paz e esforços de luta contra o terrorismo e a luta contra a pirataria.
Ruanda	Outubro de 2016	Fornecimento de armas e outros equipamentos militares.
Serra Leoa	Agosto de 2018	Fornecimento de armas e outro equipamento militar, bem como prestação de outra assistência técnica militar.
Sudão	Fevereiro de 2018	Desenvolver as forças armadas sudanesas.
Tanzânia	Janeiro de 2018	Envios de armas, bem como formação conjunta, investigação e desenvolvimento.

Fonte: Jakob Hedenskog (2018).

exportações de armas para o Norte da África, já competindo intensamente com a Europa nesse período. Além disso, o gráfico revela que a Rússia mantém uma vantagem considerável em relação aos Estados Unidos, que exerce significativa influência no continente africano, e à China, cuja presença está crescendo continuamente.

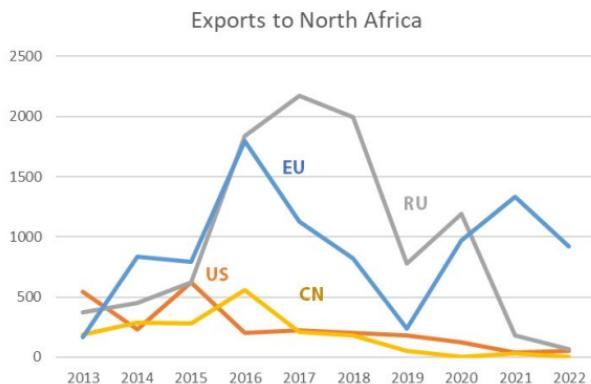


Figura 1. Exportações de armas russas para o norte da África 2013-2022

Fonte: European Parliamentary Research Service.

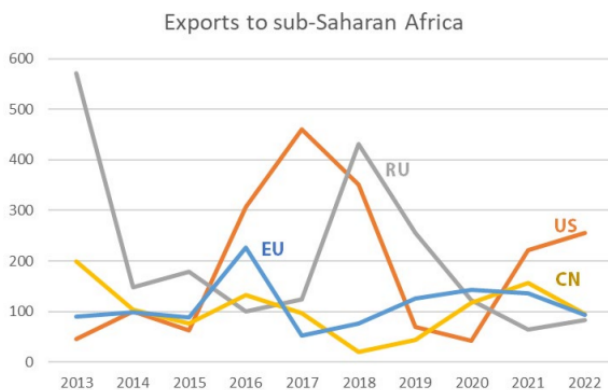


Figura 2. Exportações de armas russas para a África Subsaariana 2013-2022

Fonte: European Parliamentary Research Service, 2023.

Em complemento, a Figura 2 ilustra as exportações para a África Subsaariana, destacando o papel relevante da Rússia no fornecimento de armamentos, especialmente em 2018. Um dos principais fatores diante da preferência em armamento russo se encontra no fato de que normalmente, as armas modernas russas são mais acessíveis em termos de custo, são compatíveis com os estoques da era soviética mantidos por muitos Estados e, ao contrário dos fornecedores ocidentais, a Rússia não coloca condições

baseadas em valores ao fornecê-las. Assim, percebe-se que as armas têm servido como um canal de entrada para a influência russa na África. Esse fenômeno é particularmente evidente nos últimos anos, na República Centro-Africana, onde o fornecimento de armas ao país, em 2017, abriu caminho para uma cooperação mais substancial (Singh 2022). O autor observa que isso inclui desde o envio de conselheiros militares russos e guardas presidenciais até a emissão de licenças para várias empresas de mineração russas, que estão envolvidas nas operações em expansão e controversas da quase privada empresa militar russa, o Grupo Wagner.

O Grupo Wagner se encontra na maior controvérsia das relações entre Rússia e África. Criado por Yevgeny Prigozhin, um aliado próximo do Presidente Putin, o Grupo Wagner se tornou conhecido durante a anexação da Crimeia em 2014 e posteriormente se envolveu em outros conflitos nos quais Moscou tinha um interesse particular, como na Síria. Os mercenários associados ao Grupo Wagner (que possui laços estreitos com a agência de inteligência militar da Rússia (GRU) foram implantados em países como Líbia, República Centro-Africana, Sudão e Moçambique (Siegle 2021). Segundo o autor, em cada situação, seguindo o padrão observado na Síria, os russos prestaram apoio a líderes locais com dificuldades diante de desafios de segurança, especialmente em nações geograficamente estratégicas que possuem recursos minerais ou de hidrocarbonetos.

Além disso, também foram relatadas intervenções do Wagner para auxiliar o governo moçambicano a lidar com a ameaça crescente de grupos militantes islâmicos no norte do país (Siegle 2021). Coincidentemente, essa região abriga uma operação de mineração de pedras preciosas de bilhões de dólares e importantes reservas de gás natural liquefeito. Em todos esses casos, a Rússia oficialmente negou qualquer envolvimento ou presença de mercenários russos nessas situações. Geralmente, esses destacamentos consistem em algumas centenas de forças e têm custos relativamente baixos, que provavelmente são mais do que compensados pelos pagamentos recebidos e pelas receitas geradas pela exploração de recursos minerais. Dessa forma, segundo o autor, a Rússia ampliou sua influência em uma região onde tinha pouca presença anteriormente.

Como exposto, nota-se que a Rússia ainda persiste em negar seu envolvimento, apesar de os cenários se tornarem cada vez mais evidentes, considerando o expressivo interesse demonstrado pelo país nos recursos minerais africanos. É mister ainda notar que a competição pela influência está se intensificando no Sahel, uma região composta por nove países, no qual cinco⁷ deles enfrentam longos períodos de instabilidade e violência, mas também são atraentes devido às suas riquezas naturais (BBC 2023). Os recursos naturais abundantes, como petróleo e minerais, desempenham um papel crucial, e embora o Sahel não seja tão proeminente quanto outras regiões da África, possui valiosos depósitos de urânio, calcário e fosfato (BBC 2023). Por exemplo, a Rússia considera a Guiné como um destino estratégico de investimentos, já que é o segundo maior produtor mundial de bauxita e possui ricas reservas de minério de ferro, ouro e diamante, e a bauxita desempenha um papel fundamental nas importações russas (BBC 2023).

Ainda sobre os armamentos, a estratégia da Rússia de vender armas como um meio

7. Mali, Níger, Mauritânia, Burkina Faso e Chade.

político para expandir sua influência é ainda mais explorada para tirar proveito das restrições impostas pelos atores ocidentais aos países africanos no continente (Singh 2022). Destacamos os casos da Nigéria e do Egito, nos quais a Rússia ocupou efetivamente o espaço deixado pelos Estados Unidos em relação às preocupações com os direitos humanos. Isso foi evidenciado pelo fornecimento de helicópteros de ataque ao governo nigeriano em 2014 e pelo deterioramento das relações entre os EUA e o Egito desde o golpe militar no país em 2013 (Singh 2022).

Pode-se aferir, de antemão, que o setor militar, por meio da venda de armas, representa uma vantagem para a Rússia num cenário onde a luta contra o terrorismo ganhou destaque tanto para o Ocidente como para os africanos. Todavia, como visto previamente, o setor energético e da mineração se somam aos interesses geopolíticos russos, como analisados na sequência.

4.2 *Energia e minério*

Para além das armas, em âmbitos econômicos, o governo liderado por Vladimir Putin logrou diversificar a economia russa em certa medida, visando lidar com possíveis flutuações do mercado, e dessa forma, o país não possui uma grande necessidade em matérias-primas africanas (Cabrera 2022). No entanto, permanece amplamente dependente das exportações de petróleo e gás, o que o torna vulnerável a eventuais recessões globais vindouras. Assim sendo, a Rússia desempenha um papel significativo no mercado de mineração e energia na África. As concessões de mineração russas estão predominantemente localizadas em países marcados por governança deficiente, como República Centro-Africana, Guiné, Madagascar, Moçambique e Sudão, resultando em uma linha tênue entre concessões oficiais e não oficiais (Carpile e Pichon 2024). Essa ambiguidade é ainda mais acentuada pela participação de empresas associadas ao Grupo Wagner, como anteriormente mencionado.

Por conseguinte, ao contrário da indústria de mineração, a participação russa em projetos de petróleo e gás é mais amplamente distribuída geograficamente. No entanto, é importante observar que as empresas russas não são parceiras oficiais em nenhum dos principais projetos africanos de petróleo e gás (Carpile e Pichon 2024). A vista disso, para a Rússia, a abundância de recursos minerais e a demanda por energia na África representam uma oportunidade estratégica para contornar as sanções ocidentais, aumentando assim seus suprimentos de metais preciosos e terras raras, além de gerar receitas externas para projetos de energia (Singh 2022). A Rússia tem acordos semelhantes com cerca de vinte nações africanas em relação aos recursos naturais. Para os países africanos, especialmente aqueles sujeitos a sanções ocidentais, a Rússia é um parceiro atraente devido à sua expertise técnica, sua abordagem de cooperação sem condições e sua posição global como uma contraparte ao ocidente.

As corporações russas de energia, como Rosneft, Gazprom e Lukoil, demonstram interesse emblemático no continente africano. A Rússia está buscando explorar reservas convencionais de petróleo e gás no continente africano e em outras regiões, e como parte de sua estratégia energética de longo prazo, o país está utilizando empresas russas para estabelecer novos fluxos de fornecimento de energia. Em 2018, a Rosneft assinou um acordo para fornecer gás natural liquefeito (GNL) para o Gana e possui projetos de exploração de petróleo e gás na Argélia, Egito e Moçambique. A Lukoil também

está ativa em países como Camarões, Egito, Gana e Nigéria (Bonnier e Hedenskog 2020). A Gazprom tem projetos de gás natural na Argélia, enquanto a Zarubezhneft está em discussões para projetos petrolíferos conjuntos com Angola e a RDC (Bonnier e Hedenskog 2020).

Além disso, o Estado russo também buscou estabelecer acordos de energia nuclear no continente africano. Em 2020, a Rosatom, uma corporação estatal de energia atômica russa, concedeu um empréstimo de US\$ 25 bilhões para iniciar a construção da primeira usina nuclear do Egito, um projeto avaliado em US\$ 60 bilhões (Siegle 2021). O alto custo e a capacidade técnica limitada aparentemente tornariam essa indústria menos acessível para os países africanos. Apesar disso, a Rússia está em diferentes estágios de negociação com dezessete nações africanas e tem discutido preliminarmente acordos de projetos nucleares com a Etiópia, Ruanda, Sudão e Zâmbia (Siegle 2021). Na Figura 3, trazemos uma representação gráfica da atividade russa em energia e minério no continente africano. É possível observar que as regiões do Norte e Subsaariana continuam no radar russo, porém chama atenção a região do Golfo da Guiné, rica em recursos energéticos.

Em linhas gerais, é importante frisar que este setor ainda é novo se comparado com a presença ocidental que têm influência desde a época colonial. A entrada da Rússia é cautelosa de modo a evitar confronto direto com empresas ocidentais. No entanto, por se tratar de recursos ligados à produção de artefatos bélicos e tecnológicos, os interesses geoestratégicos colocarão a África nos holofotes das grandes potências ocidentais que acompanham as jogadas no tabuleiro geopolítico russo.

4.3 *Influência internacional*

Os representantes dos países ocidentais não poupam críticas a Rússia, e o ex-conselheiro de segurança nacional da Casa Branca, John R. Bolton, ao anunciar a nova política do ex-presidente Donald Trump para a África, em dezembro de 2018, acusou a Rússia de "trocar armas e energia por votos na Organização das Nações Unidas (ONU)", argumentando que tais votações contribuem para a manutenção de líderes autoritários no poder, minando a paz e a segurança, e vão contra os interesses fundamentais do povo africano (Cabrera 2022). Além disso, há a crença de que os investimentos russos na África são estratégicos e têm potencial para gerar impactos duradouros na influência global do país no continente. Considera-se também a possibilidade de que Moscou consiga desalojar empresas ocidentais e chinesas, restaurando muitas das posições políticas que mantinha durante a era soviética (Cabrera 2022). Washington, continua intensificando o uso de seus recursos diplomáticos para destacar a suposta interferência russa destinada a "minar a democracia" na África. Conforme um relatório divulgado pelo Centro Africano de Estudos Estratégico, em 2023, sendo um órgão do Departamento de Defesa dos Estados Unidos financiado pelo Congresso, a Rússia tem utilizado sua influência para enfraquecer o ambiente democrático na região, promovendo a "normalização do autoritarismo no exterior" como forma de legitimar suas práticas domésticas (BBC 2023).

De fato, a consideração sobre a estratégia russa de angariar votos na ONU pode ser fundamentada. Com o aumento das tensões na guerra russo-ucraniana, houve tentativas de países como a África do Sul de buscar um acordo para a paz, que foram



Figura 3. Atividade russa em energia e minério no continente africano

Fonte: European Parliamentary Research Service, 2019.

prontamente rejeitadas. No entanto, mesmo nesse contexto, percebe-se que as relações com o continente africano também são vantajosas devido à participação desses países na ONU, especialmente considerando que o Grupo Africano é o maior, composto por 54 Estados-membros, conferindo assim influência significativa no poder de voto da Assembleia Geral das Nações Unidas (Ogunnoiki, Ani e Iwediba 2021). O autor lembra que, em 2014, um total de 58 países na AGNU se abstiveram de votar na resolução condenando a anexação da Crimeia pela Rússia.

No que concerne à guerra Rússia-Ucrânia, a votação ocorrida em 2 de março de 2022 na Assembleia Geral da ONU, referente à condenação da invasão da Ucrânia pela Rússia, indicou uma postura cautelosa de muitos países. Dos 54 países africanos, 28 apoiaram a resolução, enquanto 17 se abstiveram e oito não participaram. A Eritreia, um estado com práticas repressivas, alinhou-se com Rússia, Bielorrússia, Coreia do Norte e Síria ao votar contra (UN News 2022). Os votos na ONU refletem, em parte, os vínculos históricos entre a Rússia e os governos no poder, especialmente na África Austral e, além disso, muitos líderes da região foram educados na União Soviética. Diante desse contexto, partidos de libertação que ainda dominam em Angola e Moçambique, o último simbolizado por uma Kalashnikov em sua bandeira, Namíbia, África do Sul e Zimbábue consideravam a União Soviética uma aliada em sua luta contra o domínio branco e veem a Rússia como sua sucessora (Economist 2022). Embora a Ucrânia também fizesse parte da União Soviética, esses países optaram pela abstenção. Dessa forma, se vê também a vantagem histórica que a Rússia possui diante de suas relações geopolíticas na África.

5. Considerações finais

Este trabalho buscou apresentar a nova face das relações russo-africanas e apontar os objetivos da Rússia com o continente africano. Mediante uma abordagem qualitativa baseada na revisão de literatura especializada em geopolítica, os dados e evidências apresentadas demonstraram três setores predominantes dentro da lógica geopolítica russo no pós-Guerra Fria.

Primeiramente, notamos que as relações russo-africanas têm seu marco no período da Guerra-Fria, onde a União Soviética e a África compartilharam de uma longa cooperação, sendo relações diplomáticas, políticas, militares e culturais. Mas, ao olhar essas relações com uma visão mais crítica, a ideia de que a União Soviética era uma nação diferente dos países colonizadores se perpetuou em grande escala, se faz equivocada, uma vez que se percebe que a União Soviética também agia com interesses próprios. De fato, no contexto internacional, as interações entre países são geralmente motivadas por interesses próprios, e isso não foi diferente no caso da África. Ao revisitar o pensamento da escola realista russa, evidencia-se a centralidade dos interesses estatais moldados pelo poder, e os Estados, de acordo com essa perspectiva, agem de maneira racional, buscando não apenas a segurança, mas também a expansão de sua influência. Ainda, durante a Guerra Fria, a União Soviética destaca-se ao almejar a difusão do comunismo na África como uma estratégia para ampliar sua esfera de influência e, ao mesmo tempo, equilibrar as forças em confronto com os Estados Unidos.

Em um segundo momento, consideramos que, no pós-Guerra Fria, na administração de Putin, a Rússia segue a mesma estratégia perante esse equilíbrio de poder,

porém com seu embate perante as outras potências, ainda incluindo os Estados Unidos, e no novo cenário, a China. Sendo assim, conforme a abordagem da escola realista, ressalta o papel dominante do poder como fator determinante das relações internacionais para a Rússia, sobrepondo-se à ideia de cooperação global. Portanto, a ênfase na necessidade de fortalecer as capacidades militares para garantir um equilíbrio de poder com os Estados Unidos reflete a preocupação primordial da Rússia em proteger seus interesses nacionais e sua posição no sistema internacional, tendo a região do Continente Africano como uma zona coringa em sua expansão, além da contenção da influência norte-americana diante o equilíbrio de poder. Além disso, a influência econômica da região é posta como privilégio para o governo russo, uma vez que os intercâmbios são constantes, principalmente no que se refere à venda de armas. Dessa forma, a Rússia tem redirecionado seu foco além das questões ideológicas no continente africano, especialmente ao competir com grandes potências como os Estados Unidos e a China em áreas estratégicas.

A percepção de que a Rússia era uma aliada em oposição aos colonizadores, se faz necessário questionar os verdadeiros objetivos e consequências das relações russo-africanas contemporâneas. É sabido que a Rússia se beneficia dessas relações de várias maneiras, aproveitando a influência africana na Assembleia Geral das Nações Unidas, explorando recursos energéticos e minerais, e contrabalançando as influências ocidentais ainda presente. No entanto, para os países africanos, surge a preocupação sobre os limites da confiança nessas relações. Além disso, é importante ressaltar que a Rússia continua apoiando líderes autocráticos e que a presença do Grupo Wagner em territórios africanos representa uma preocupação constante.

Por fim, consideramos que após a Guerra Fria, as relações entre Rússia e África ganharam novos enfoque porque tem sido amplamente guiada por novos interesses estratégicos russos tendo em vista a ascensão de outras potências na África, em especial no setor de armas, energia e mineração embasado na influência construída ao longo da Guerra Fria. Em geral, percebe-se ainda que a África tem sido um mercado rentável para a Rússia, fornecendo exportações e sendo uma importante fonte de minerais necessários para sua economia industrializada, além de oferecer apoio diplomático em organizações internacionais de grande importância. O interesse russo também pode abrir portas para o futuro, incluindo potenciais investimentos que promovam o desenvolvimento mútuo. Contudo, pesquisas futuras poderiam focar, por um lado, na análise de grupos de interesses russos e seus interesses na África, sobre viés crítico, e nas possíveis consequências das relações da Rússia e África, bem em análise de países e setores específicos para avaliar os resultados e benefícios dessas relações, em especial com aqueles se autodeclararam alinhamento automático com a administração Putin, como os países do Sahel.

Recebido em: 12/06/2024.

Aprovado em: 14/02/2025.

Referência

- BBC. 2010. Expansão da economia transforma oito países em 'leões africanos', diz relatório. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/06/100602_africa_economia_pu. Acesso em: 19 abr. 2024. https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/06/100602_africa_economia_pu.
- . 2023. Por que a África está se tornando campo de batalha entre Rússia e Ocidente. Acesso em: 19 abr. 2024. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c03050lmm6po>.
- Blum, Gustavo Glodes e Julia Jacichen. 2015. Em busca de um lugar na nova ordem mundial: a Rússia, o espaço pós-soviético e o pensamento geopolítico russo. *Geographia Opportuno Tempore* 2 (1): 1–20.
- Bonnier, Evelina e Jakob Hedenskog. 2020. *The United States and Russia in Africa*. FOI.
- Cabrera, Sebastián Ruiz. 2022. Rusia en África: nuevas dinámicas desde el Kremlin. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8708293>. Acesso em: 19 abr. 2024. *Revista UNISCI / UNISCI Journal*, número 60, 49–59. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8708293>.
- Carpile, Anna e Eric Pichon. 2024. *Belgium. Russia in Africa: an atlas*. Disponível em: <https://policycommons.net/artifacts/11336402/russia-in-africa/12225358/>. Acesso em: 20 abr. 2024. EPRS: European Parliamentary Research Service. <https://policycommons.net/artifacts/11336402/russia-in-africa/12225358/>.
- Castro, Josué de, Pearl S. Buck, John Boyd Orr Boyd-Orr e Sorre Baron. 1951. *Geopolítica da fome: ensaio sobre os problemas de alimentação e de população*. (No Title).
- Castro, Therezinha. 1981. *Geopolítica das relações internacionais*. 133. Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Correia, Pedro de Pezarat. 2012. Geopolítica e geoestratégia. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/7670>. Acesso em: 13 mar. 2024. *Nação e Defesa*, <http://hdl.handle.net/10400.26/7670>.
- Daehnhardt, Patrícia. 2014. As origens da Grande Guerra e o estatuto de grande potência: o caso da Alemanha. *Relações Internacionais*, número 42, 79–93.
- Economist, The. 2022. Why Russia wins some sympathy in Africa and the Middle East. Disponível em: <https://www.economist.com/middle-east-and-africa/2022/03/12/why-russia-wins-some-sympathy-in-africa-and-the-middle-east>. Acesso em: 19 abr. 2024. <https://www.economist.com/middle-east-and-africa/2022/03/12/why-russia-wins-some-sympathy-in-africa-and-the-middle-east>.
- Griffith, William E. 1976. Soviet influence in the Middle East. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00396337608441587>. Acesso em: 13 mar. 2024. *Survival* 18 (1): 2–9. <http://dx.doi.org/10.1080/00396337608441587>.
- Halliday, Fred. 1999. *Revolution and world politics: the rise and fall of the sixth great power*. London: Macmillan Press Ltd.
- Hedenskog, Jakob. 2018. *Russia is stepping up its military cooperation in Africa*. Memo 6604. Stockholm: Swedish Defence Research Agency (FOI).
- Kjellen, Rudolf. 1917. *Der Staat als Lebensform*. Leipzig: S. Hirzel Verlag.

- Kohnert, Dirk. 2022. The impact of Russian presence in Africa. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=4067193>. Acesso em: 19 abr. 2024. <https://ssrn.com/abstract=4067193>.
- Lenine, Vladimir Ilitch. 1984. *O imperialismo, fase superior do capitalismo*. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/imperialismo/index.htm>. Acesso em: 25 dez. 2024. Lisboa-Moscovo: Editora Progresso. <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/imperialismo/index.htm>.
- Maffezzolli, F. E. C. e C. G. Eggerts Boehs. 2016. Uma reflexão sobre o estudo de caso como método de pesquisa. Disponível em: <https://revistafae.fae.edu/revistafae/article/view/262>. Acesso em: 21 dez. 2024. *Revista da FAE* 11 (1). <https://revistafae.fae.edu/revistafae/article/view/262>.
- Marconi, Maria e Eva Lakatos. 2003. *Fundamentos de metodologia científica*. 5ª edição. São Paulo: Atlas.
- Mendonça, Marina Gusmão de. 2019. A descolonização da África: nacionalismo e socialismo. Ano XII, maio, *Sankofa: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, número XXII.
- Ogunnoiki, Adeleke O., Ifeanyi C. Ani e Innocent O. Iwediba. 2021. Russia–Africa relations in the 21st century: symbiotic or predatory? Disponível em: <https://journals.covenantuniversity.edu.ng/index.php/cujpia/article/view/2833>. Acesso em: 19 abr. 2024. <https://journals.covenantuniversity.edu.ng/index.php/cujpia/article/view/2833>.
- Olivier, Gerrit e Dmitry Suchkov. 2015. Russia is back in Africa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2263/52160>. Acesso em: 19 abr. 2024. *The Strategic Review for Southern Africa* 37 (2). <http://hdl.handle.net/2263/52160>.
- Secchi, Eduardo Tomankievicz. 2022. *A presença soviética no continente africano pós Segunda Guerra Mundial: limites estruturais e estratégicos na atuação*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Segrillo, Angelo. 2000. *O declínio da URSS: um estudo das causas*. Rio de Janeiro: Record.
- Siegle, Joseph. 2021. Russia’s strategic goals in Africa. Disponível em: <https://africacenter.org/experts/joseph-siegle/russia-strategic-goals-africa>. Acesso em: 19 abr. 2024. *African Center for Strategic Studies* 6. <https://africacenter.org/experts/joseph-siegle/russia-strategic-goals-africa>.
- Singh, Priyal. 2022. Russia–Africa relations in an age of renewed great power competition. Disponível em: <https://issafrika.org/research/africa-report/russiaafrica-relations-in-an-age-of-renewed-great-power-competition>. Acesso em: 19 abr. 2024. *ISS Africa Research Report* 2022 (42): 2–33. <https://issafrika.org/research/africa-report/russiaafrica-relations-in-an-age-of-renewed-great-power-competition>.
- Smith, Alan H. 1985. Soviet trade relations with the Third World. Em *Soviet Interests in the Third World*, editado por Robert Cassen, 140–158. Capítulo 8. Londres: Royal Institute Of International Affairs.
- Souza, Danilo Rogério de. 2016. A nova geopolítica russa e o eurasianismo. *Revista de Geopolítica* 3 (2): 61–70.
- Stalin, Josef. 1954. *A política de governo e a questão nacional*. Volume 4. Editorial Vitória.

- Teixeira, José Achilles Abreu Jorge. 2008. O pensamento geopolítico da Rússia no início do século XXI e a geopolítica clássica. *Revista da Escola de Guerra Naval*, número 13, 122–146.
- Thiam, Iba Der e James Mulira. 2011. A África e os países socialistas. Capítulo 27 em *História geral da África: África desde 1935*, editado por Ali A. Mazrui e C. Wondji, volume 8. São Paulo/Brasília: Cortez/UNESCO.
- Tomé, Luís. 2018. Geopolítica da Rússia de Putin: não é a União Soviética, mas gostava de ser... Disponível em: <http://hdl.handle.net/11144/4299>. Acesso em: 19 abr. 2024. *Relações Internacionais* 60:69–99. <http://hdl.handle.net/11144/4299>.
- UN News. 2022. Assembleia Geral repudia ofensiva militar da Rússia à Ucrânia. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/03/1781482>. Acesso em: 19 abr. 2024. <https://news.un.org/pt/story/2022/03/1781482>.
- Visentini, Paulo Fagundes. 2015. Terceiro mundo ou sul global? *Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais* 4 (8).
- Xavier, Constantino. set de 2007. O conceito de grande potência na política externa indiana. Disponível em: https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri15/RI15_02Cxavier.pdf. Acesso em: 25 dez. 2024. *Relações Internacionais* (): 7–20. https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri15/RI15_02Cxavier.pdf.